

**MARCUS E MARCOS PEREIRA**

Em meados dos anos 1960, o músico Luís Carlos Paraná e o publicitário Marcus Pereira criaram o bar “Jogral” em São Paulo, que logo se tornou reduto de jornalistas, intelectuais e artistas que gostavam da música popular brasileira, em contraste ao iê-iê-iê e à Jovem Guarda da época. Um deles, que também cantava ali, era Paulo Vanzolini, então diretor do Museu Zoológico da USP. Com essa experiência, Marcus Pereira lançou seu primeiro disco com a gravação de canções de Paulo Vanzolini, o LP “Onze sambas e uma capoeira”.

Marcus Pereira deixou a agência de publicidade e dedicou-se à música. Os discos editados com o selo Marcus Pereira eram sinal de qualidade, passei a juventude ouvindo seus discos, como o primeiro álbum de Cartola em 1976 (que na época era lavador de carros, aos 66 anos de idade) e a Banda de Pífanos de Caruaru. Com a dificuldade que é trabalhar com cultura neste país, a empresa fechou e amargurado, Marcus se afastou de tudo, falecendo em 1991.

Esse foi o primeiro Marcus Pereira na minha vida. O outro teve influência ainda maior. Marcos Pereira foi o diretor da Faculdade de Engenharia de Passos que me levou para trabalhar em Minas Gerais em 1978. Encontramo-nos na Lanchonete Catedral, no centro de Franca, numa noite escura de abril, convidado pelo Gianini, professor de Passos que lecionava comigo na UNIFRAN. Marcos era formado em Letras e estudava Direito em Franca, à noite. Entre um sanduíche e outro, fez o convite para assumir a disciplina de Desenho Arquitetônico. Aceitei e fiquei lá por 37 anos.

Marcos foi um diretor exemplar e inteligente. Se pouco sabia de engenharia, conhecia muito de relações humanas e pedagogia. Cercou-se de jovens engenheiros talentosos como Arquimedes, Cordeiro, Chust, Marcel e outros (todos acabaram indo para universidades federais, não por acaso alguns chegaram à Reitoria) que orientavam seus passos na coordenação do curso. As reuniões eram conduzidas com equilíbrio, os problemas discutidos francamente e os erros corrigidos. Sabia lidar com os alunos, enfrentou uma greve e convenceu os alunos a voltar atendendo parte dos pedidos sem prejudicar a estabilidade financeira da instituição. Levou artistas e escritores para palestras num curso pouco afeito à arte, era um leitor de romances, admirador de Autran Dourado, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos.

Não era de esquerda, mas um liberal democrata desses que não existem mais. Sua coragem para falar o que devia sobre a ditadura militar num discurso no Clube Passense de Natação diante de uma plateia de fazendeiros reações e um deputado da ARENA lhe valeram problemas que conseguiu habilmente contornar. No início de 1983, deixou a direção do curso de engenharia de Passos para assumir a presidência do Banco do Estado de Minas Gerais, convidado pelo governador eleito Tancredo Neves, depois foi secretário de Estado. De volta a Passos, demos um curso juntos sobre planejamento municipal. Em seguida, por concurso, assumiu uma vaga de juiz de direito, onde ficou até a aposentadoria. Embora distantes pela pandemia, lembro sempre que suas lições de práticas democráticas na condução da universidade continuam válidas, artigo em falta pela tragédia bolsonarista que nos assola.

Mauro Ferreira é arquiteto